



O Céu já não é o limite

A Tekever começou a sua atividade em 2001, focada no mercado da mobilidade e das aplicações móveis, até se tornar numa referência na indústria aeroespacial. Pedro Sinogas, fundador e CEO, explicou, em entrevista connosco, o percurso crescente que a empresa tem desenvolvido.

A empresa está estruturada em duas grandes divisões: a parte de software, mais virada para as tecnologias da informação, com grandes clientes como a EDP, Santander e CUF, baseada em produtos próprios, em que o software tem propriedade intelectual própria; na divisão de aeronáutica e espaço, dentro da qual têm vindo a obter uma grande projeção em termos internacionais, focada na parte dos drones, em que se destacam os seus aviões de grande porte (até 150 Kg), não tripulados, e que estão a fazer a vigilância das fronteiras europeias. “Foi um concurso internacional que ganhámos e é um grande orgulho para Portugal. É o reconhecimento do trabalho de toda uma equipa que, ao

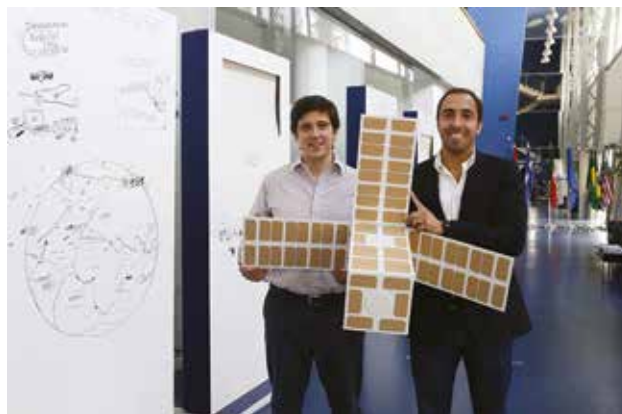
longo de anos, tem vindo a trabalhar num mercado no qual, de início, muito poucos acreditavam e que, hoje em dia, é o futuro”, diz-nos o CEO.

Na componente espacial, a Tekever começou por trabalhar com outros parceiros – como a Agência Espacial Europeia –,

desenvolvendo equipamentos para colocar no espaço, nomeadamente de comunicação (GamaLink) e, mais recentemente, fruto do crescimento na cadeia de valor, conseguiram, em conjunto com uma grande parte da indústria espacial portuguesa, criar um projeto para o primeiro

satélite integralmente feito em Portugal. Esse satélite dá pelo nome de “Infante” e o objetivo é que, sendo lançado daqui a cerca de três anos, consiga levar até ao espaço um conjunto de empresas e de institutos de investigação a nível nacional, que têm vindo a trabalhar nesta área, mas conseguindo agora integrar e juntar tudo no mesmo grande projeto, para efetivamente projetar Portugal neste domínio.

Na área das tecnologias de informação, a Tekever tem trabalhado com um conjunto de clientes, e também parceiros, em que atuam na parte da mobilidade urbana, como é o caso da Câmara Municipal de Lisboa, onde criaram o sistema de suporte e gestão do sistema de bicicletas





elétricas (GIRA), que está agora a ser implementado em toda a cidade. Hoje em dia, a Tekever conta com cerca de 260 colaboradores repartidos, em Portugal, por quatro diferentes pólos: Lisboa e Porto na vertente mais de engenharia, Óbidos e Ponte de Sor na vertente mais industrial. Possuem escritórios espalhados pelo mundo, nomeadamente em Inglaterra, Holanda, China, Brasil e EUA. “Estamos principalmente a consolidar os mercados onde já estamos presentes e, recorrentemente, estamos a abrir outros mercados numa ótica sobretudo de exportação”, explica o fundador.

A Tekever tem sido, desde o seu início, uma empresa tecnológica cujo objetivo é produzir tecnologia com propriedade intelectual, por oposição a uma lógica de prestação de serviços. Dentro dessa produção de tecnologia, seguem uma estratégia de integração vertical do conhecimento, onde garantem que as suas equipas sejam

compostas por pessoas que conheçam integralmente os produtos que desenvolvem e comercializam. “Esta estratégia é muito desafiante em termos de investigação e de desenvolvimento interno, áreas em que a Tekever é das empresas que mais investe. É esta estratégia que nos tem permitido estar presentes em mercados de ponta e vender os nossos produtos pela sua qualidade e diferenciação de produtos concorrentes”, explica Pedro Sinogas.

As diversas unidades internas, têm clientes de tipologias muito diferentes. Se no lado das tecnologias de informação, a EDP e o Santander são dos maiores clientes, no lado da aeronáutica têm a EMSA e a Frontex, agências europeias que utilizam este tipo de meios de vigilância não tripulados. “Na área do espaço, temos sobretudo a Agência Espacial Europeia como cliente-bandeira”, indica.

O que os inspira é a capacidade de fazer algo novo



que nunca ninguém fez, e o grande desafio é perceber como é efetivamente realizável. “Os investimentos e desenvolvimentos que fazemos têm que ter um nível de análise de viabilidade por via a verificar se têm mercado real. Esse investimento materializa-se também em manter as nossas equipas motivadas e capacitadas para correr riscos. Isto possibilita que estejamos no mercado com produtos e tecnologias disruptivas, o que para nós é o grande desafio”, explica o dirigente. Em relação ao panorama português, diz-nos o seguinte: “Portugal ainda aposta pouco na investigação e desenvolvimento a nível empresarial, em comparação com outros países,

o que é fundamental para a dinamização da economia. Esta situação tem vindo a mudar e, felizmente, mesmo com investimento limitado, temos assistido à criação de novas tecnologias, o que se deve fundamentalmente à excelente qualidade dos nossos profissionais, tanto nas empresas como no sistema científico e tecnológico nacional”.

Um dos grandes projetos que a Tekever está agora a abraçar, e na sequência do “Infante”, é a constituição de uma constelação de doze satélites para monitorizar os oceanos. “É um desafio ambicioso, muito motivador, e acaba por ser um marco que irá ser muito importante no futuro do grupo.”, adianta o CEO.

